A "GAZETA" DAS LETRAS E DAS ARTES

O Livro do Dia

EU, por

AUGUSTO DOS ANJOS

A poesia scientifica propriamente dita, que tem em Martins Junior o seu fundador, entre nós, e Carlos D. Fernandes, o seu mais caracteristico representante, não chegou a fazer escola na nossa literatura.

Não vem a proposito repetir aqui a discussão muito philosophica e pouco literaria que a escola despertou no seio da critica indigena. Basta acentuar apenas que a poesia scientifica não predominou jámais nas nossas letras.

A escola passou, como passou o "gongorismo", o "nephelibatismo" e outras classes diversas de poetas irrequietos.

A expressão verdadeira de nossa poesia é, sem duvida, a lyrica, poderosa, palpitante, verdadeira, natural e espontanea. Fóra dahi apparecem ensaios reveladores de talento, muitos delles, porém, falhos, despidos de belleza, sem arte e sem vibração.

Temos no livro "Eu", do Sr. Augusto dos Anjos, um desses ensaios. O volume revela, sem duvida, a existencia de um robusto talento, de um poeta correcto, cultivador da fórma e que sabe fazer o verso sonoro e cantante.

A prova disso encontra-se neste admiravel soneto, a melhor producção de todo o livro:

O MORCEGO

Meia noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcêgo! E, agora, vêde:
Na bruta ardencia organica da sêde,
Morde-me a guéla igneo e escaldante môlho.

Vou mandar levantar outra parede...
— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o tecto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rêde!

Pégo de um páo. Esforços faço. Chego
A tocaia. Minh'alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciencia Humana é este morcêgo!
Por mais que a gente faça, á noite, elle entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

Infelizmente as demais poesias do poeta não imitam essa sonoridade, envolvendo a pureza philosophica de uma idéa tão perfeita, tão justamente elevada e frisante.

Nota-se em todas as paginas deste volume a preoccupação constante de technicigia. Os versos do Sr. Augusto dos Anjos pordem, por isso, grande parte do encanto que a fórma lhes empresta.

Citaremos, ao acaso, alguns.— Vejamos esta quadra:

E' o transcendentalissimo mysterio!
E' o "nous", é o "pneumo", é o "egô [sum qui sum",
E' a morte, é esse damnado numero ["Um"
Que matou Christo e que matou [Tiberio.

Ora, isso, positivamente, é um amontoado de palavras difficeis e nada mais. Ha ainda estas cousas:

Eu voltarei, cançado da ardua liça,
A' substancia inórganica primeira,
De onde, por epigénesis, veiu Eva
E a "stirpe radiolar" chamada [Actissa!

Não vaje citar mais. Em todas as paginas do livro se encontram essas extravagancias, muitas vezes attentatorias ás regras da sciencia.

Em compensações é, outro tanto, infeliz o auctor do "Eu". Vejamos estas:

E a minha sombra enorme enchia [a ponte,
Como uma pelle de rinoceronte,
Estendida por toda a minha vida!

Outra:

Do carvão da treva immensa
Cahia um ar damnado de doença
Sobre a cara geral dos edificios!

Estando em Recife, num clima brasileiro, o Sr. Augusto dos Anjos affirma isto:

Da roupa pelas bráchas,
O vento bravo me atirava fléchas
A applicações hyemaes de gelo [russo.

Não citamos mais. Todo o livro está cheio dessas idéas e dessas comparações.

O poeta é moço ainda e tem o talento bastante para abandonar essa poesia technica, muito impropria e muito postiça e atirar-se a outros generos em que possa mais bellamente florir o seu estro.

Quem escreve versos como o soneto citado acima e os intitulados "Sonetos", a seu Pai, certamente tem emoção e póde vencer.

Nazareth Menezes.

Augusto Rodin

Rodin, o grande esculptor do "Penseur" e do "Baiser", está hoje em toda a parte. Agora mesmo o Musée Metropolitain de Nova York vem de consagrar-lhe uma sala. A Italia, a Allemanha, a Inglaterra, possuem obras do admiravel artista.

A França, que é a sua patria, é talvez aquella que menos obras tenha de Rodin para expôr á admiração dos estrangeiros que aos milhares visitam Paris.

Ahi está o celebrado "Penseur". Mas, não é tudo.

E, assim pensando, um grupo de seus enthusiasticos admiradores constituiu-se neste momento em "comité", afim de solicitar do governo francez, para Rodin, o "Hôtel Biron", onde o grande mestre trabalha diariamente com o fervor e enthusiasmo de um aprendiz.

Isso será o "Museu Rodin". Será um favor. Em troca Rodin dará ao Estado sua collecção de desenhos, as replicas de suas estatuas "as maquettes" originaes, as antiguidades maravilhosas reunidas com amor em sua casa em Meudon.

A idéa ganhou logo terreno nos meios artisticos e litterarios.

A respeito disso e propugnando pela realisação dessa patriotica lembrança, escreve o "maire" de Lyon, Sr. Edouard Herriot, um interessante artigo.

"Eu não trataria disso aqui, diz o Sr. Edouard Herriot, se apenas estivesse em fóco uma questão de méra esthetica. A carreira de Rodin, porém, comporta uma lição. Este artista, cujas obras hoje attingem a tão elevados preços, trabalhava, pelo anno de 1880, na "Manufacture de Sévres", onde ganhava tres francos por hora: desenhava esses vasos deliciosos, amores, graças, nereidas, sirenes. Entretanto, estudava a esculptura."

E prosegue o articulista, lembrando a obra extraordinaria do grande mestre desde o "Age d'arrain", "Saint Jean Baptiste' prêchant" até o "Baiser", "Penseur" e "Bourgeois de Calais":

"Elle fez para si mesmo a regra que denominará toda a sua obra, diz o Sr. Herriot. Elle percebeu que se tantos esculptores tinham falhado, era porque não tinham visto senão um aspecto do modelo. Pretende e demonstra que, para se obter o movimento, a vida, é preciso fazer uma série de perfis "completando-se uns aos outros", e reunindo-os. De modo que seus bustos de Dalou, Proust, Laurens, Victor Hugo, Puvis de Chavannes, Clemenceau, são absolutas obras primas de expressão e de verdade. Exemplos desses é que precisam as escolas officiaes.

"Mas não é tudo. Mestre do modelado, Rodin poetisa e dramatisa a esculptura. Elle vilifica a fórma ou a idealisa; é a fórma que o seduz".

E o Sr. Edouard Herriot termina pedindo o "Museu Rodin". Pede-o para já. E' uma obra inadiavel. E' uma obra de grande patriotismo.

"Nelle se poderá, concluo o articulista, estudar a evolução de um genio que se elevou dos mais humildes misteres aos mais elevados cumes do pensamento e da arte e nos restará deste modo a alegria enorme de admirar em Paris um grande artista francez, em vez de fazel-o com trabalho nas galerias do estrangeiro."

Exposição Vila y Prades

Inaugura-se, segunda-feira proxima, na Escola de Bellas Artes, a exposição do pintor hespanhol Vila y Prades, que já o anno passado nos mostrou alguns trabalhos seus, alcançando, com elles, o successo que o inspirou a voltar este anno ao Rio.

Vila y Prades é um pintor moço e alegre, e seus quadros têm uma nota que, á primeira vista, deixa adivinhar a juventude e a jovialidade do artista.

As Letras nos Estados

Dario Velloso

Dario Velloso é uma das mais curiosas figuras literarias que tenho conhecido. Carioca, passou-se para Curityba e ahi fez sua residencia, estabelecendo o lar. Alto e magro. Bigodes esfiados e louros, cahidas as pontas em direcção ao sólo. O rosto fino dá-lhe um ar

DARIO VELLOSO

extraordinariamente sympathico. Veste geralmente escuro e usa chapéo mole de abas largas.

Poeta, orador, literato, professor, toda a sua obra está cheia de um raro philosophismo exotico, participando do symbolo e do mysterio.

Correcto como poeta, seductor como orador, agradavel como literato, a maneira mais caracteristica de Dario Velloso é sem duvida a do professor. Elle é, como poucos, um educador eminente. Culto, tolerante, estudioso, intelligente e justo nos julgamentos finaes, Dario Velloso é o idolo da mocidade curitybana. E' curioso que isso aconteça, dada a physionomia intellectual do extraordinario mestre. O seu nebuloso philosophismo, a sua tendencia occultista, o seu temperamento de um pagão voltado constantemente para a vida sempre viva da Hellade dominadora, deviam afastar de si os que começam, neophitos em cousas da vulgaridade scientifica que por ahi se ensina, quanto mais dos transcendentalismos do seu profundo espirito.

Mas, isso não se dá. E não se dá, porque Dario Velloso, no fundo, é um simples. Se é verdade que elle se recolhe só ao seu estranho gabinete de estudo para ouvir as vozes do silencio ou para meditar sobre os mysterios da sombra, não é menos verdade que elle possue uma linguagem simples, propria, clara, translucida com que transmitte aos seus numerosos discipulos as cousas complicadas da Kobala e os segredos nebulosos do exoterismo.

E' que Dario Velloso aprendeu a linguagem divina dos deuses.

Isso fel-o a figura mais querida em Curityba. Os moços adoram-n'o. Os literatos admiram-n'o.

A' vista disso, é facil de prever o que seja a obra de Dario Velloso. Justa, mystica, exoterica, pensada e soffrida nas pesquizas da belleza suprema e da verdade absoluta. — Ella póde ser dividida em: poesia, romance, philosophia, politica e religião.

"Helicon" é o seu melhor trabalho em verso. Essa "plaquette" bizarra reproduz á maravilha o espirito torturado por altos problemas sociaes e philosophicos de Dario Velloso. No romance produziu esse extraordinario "No sollo do amanhã". E' um livro que faz pensar, a despeito das idéas contrarias que se tenha em relação ás suas opiniões.

A sua obra philosophica, de um mystico philosophismo exoterico, ainda jaz dispersa. Mas, é vasta. Em politica, ahi está como amostra o seu folheto "Patria Republicana". E a "Derrocada ultramontana" vive o seu pensamento e as suas opiniões em materia religiosa! Essa é a figura do maior e mais admirado pensador que possue o Estado do Paraná!

Dario Velloso, visto assim, atravez dessas multiplas manifestações intellectivas e moraes, dá-me a doce impressão de um templario retardatario, que pertencesse a uma ordem, cujo lemma fosse: — o Bem, a Belleza e a Justiça. — **Guy.**

O POETA JEAN RICHEPIN

SUA ELEIÇÃO A' "MAIRIE" DE MONTCHAUVET

O auctor de "Les Cawesses", Jean Richepin, que mora no castello das "Trois Fontaines", em Montchauvet, no Seine-et-Oise, foi eleito, em 5 de maio ultimo, conselheiro municipal de Montchauvet.

Agora foi nomeado "maire", por nove votos em dez votantes. O poeta poderá sobre o seu vistoso uniforme de academico collocar a banda tricolor, o que, certo, não será cousa muito banal.

Um Quadro

E' o retrato do eminente e saudoso estadista, Dr. Joaquim Murtinho, pintado pelo distincto pintor patricio João Timotheo da Costa.

Já toda a gente tem dito, para ser necessario aqui repetir, que é essa uma obra feita com boas qualidades de execução, movimento e fiel semelhança.

Dest'arte nada mais justo se nos afigura do que o que propoz ao Senado o senador Pires Ferreira: a compra pelo governo do quadro de João Timotheo, para ser collocado no Thesouro Nacional, em uma de suas salas.

O trabalho de Timotheo é bastante ornamental, tem excellentes qualidades artisticas, está cuidado com toques de mestre e exprimindo com rara felicidade a physionomia severamente austera do eminente estadista, que tanto brilho deu á pasta da Fazenda.

Só ha realmente um logar digno para esse quadro: o salão de honra do palacio do Thesouro Nacional.

Em Paris

AS GRAVURAS PREHISTORICAS DE LAUSSEL SÃO AUTENTICAS

Lalanne offereceu á Academia de Inscripções e Bellas-Artes, da França, não ha muito, tres baixos-relevos descobertos na gruta de Laussel em Dordogne.

Alguns membros da Academia puzeram em duvida a autenticidade de taes documentos. Entre elles estava o academico Salomon Reinach. As gravuras de Laussel, foram, porém, submettidas a rigoroso estudo e detido exame.

Eis que o academico Camille Jullian, voltando a tratar desse assumpto na Academia, disse o seguinte: "Esta esculptura stéatopsygica está conforme a todos os demais vestigios da arte aurignaciana. Não póde ter sido feita senão por instrumentos de pedra; nenhum objecto de metal lhe tocou. A identidade da patina da superficie bruta e da superficie talhada indica uma muito longa antiguidade de trabalho. Ha traços na superficie de concreção stalagmiticas posteriores á esculptura. Foi achada "in-situ", isto é, no logar onde foi feita, enterrada em uma jazida aurignaciana; é contemporanea, pois, da data que se lhe dá."

Em vista da argumentação do academico Camille Jullian, o seu confrade Salomon Reinach tomou a palavra sobre o mesmo objecto, e disse: "Não ha menor duvida que tendo sido esses documentos descobertos em condições absolutamente scientificas, não se póde duvidar de sua autenticidade."

Medalhas e pinturas

Continuam abertas as exposições do medalhista Adalberto Mattos e do pintor Arthur Timotheo, na Galeria Rebello.

Esses certamens, por mais de um motivo muito interessantes, têm sido bastante visitados.

Um Livro

O capitão de artilharia Dr. João Lopes de Oliveira Lyrio enviou-nos os dous tomos do valioso trabalho que acaba de publicar em Curityba e que foi tão favoravelmente acolhido pela imprensa paranáense.

"Emprego elementar do novo canhão", assim se intitula aquelle trabalho. Divide-se em dous tomos e consta de tres partes: guia elementar do tiro; codigo de signaes para a pratica do tiro indirecto; idéa sobre a missão da artilharia. Foi organisado, não só por inspiração de varios compendios, que estudam a nova materia, como com opiniões originaes de quem tem competencia theorica e pratica de tão importante arma. O codigo de signaes, esse, então, é trabalho todo ideado pelo auctor, que o apresentou ao governo, tendo-se feito com elle experiencias as mais felizes naquella região militar.

Quem conhece a necessidade que ha de diffundir entre os inferiores do Exercito o necessario estudo dos processos do tiro com o novo canhão de tiro rapido, comprehende quão util poderá ser essa obra. No Brasil os soldados trocam frequentemente de armas e, dahi vem que todos, que não apenas os inferiores do regimento de artilharia, precisam ter noções seguras sobre esta importante materia.

Desejamos ao operoso official um resultado digno dos seus bellos esforços.

Os Legionarios do Bem

(Conto para crianças)

DOMINGOS BARBOSA

Foi num collegio.

Começavam a entrar os alumnos, que iam apertar a mão ao mestre e seguiam depois para as suas carteiras, a dispôr os livros, os cadernos e as merendas.

Cheia a classe, subiu para o ar o hymno da escola, emquanto o sol, lá fóra, cantava o seu hymno, feito de luz.

Depois, um curto silencio, que o mestre interrompeu, dizendo:

— Hoje não principiaremos pela lição. Vou começar por uma historia.

E começou a historia assim:

— Ha, num logar, que depois lhes direi onde é, um monstro, uma grande féra, que depois lhes contarei como nasceu. E' um tigre nos olhos, um abutre nas garras, uma hyena nos dentes, um porco no corpo, e tem por cauda uma serpente, de cuja bocca sahe um fogo vermelho e escorre uma peçonha esverdeada.

Vive a espreitar quem passa. E quando alguem lhe passa ao alcance das garras, levanta os olhos, que estão sempre baixos, enlaça-o com a cauda, devora-o, triturando-lhe os ossos. E depois vae dormir.

Como, porém, é muito feio e faz medo a quem passa, vive escondido atraz das vestes duma linda princeza encantada.

Os olhos da princeza parecem de velludo negro, repregado de brilhantes, — tão negros são e tanto brilho têm.

A sua bocca é vermelha sobre os dentes brancos, como uma papoila que escondesse dois fios de perolas.

A sua voz embriaga como o vinho e adormece como os narcoticos. E a princeza vive a cantar, numa voz de oiro e crystal, acompanhando-se em uma harpa de crystal e de oiro. E, quando a princeza canta, tudo ri em redor.

E tão lindo é o seu canto, e tão alto é o riso das coisas que a rodeiam, que ninguem póde ouvir os gemidos e os chôros dos infelizes que o monstro devora. Se alguem os ouvisse, ninguem passaria perto do monstro.

Quando, porém, presente a princeza encantada que alguem se approxima, tange o crystal das cordas da harpa de oiro, e tudo começa a rir, e de longe se ouve a sua voz, que attrahe como a das sereias do mar.

E ha muita gente, muita, que vae ter á bocca do monstro. Porque, para não ir lá, é preciso tomar por um caminho ingreme e todo endurecido de pedregulhos. E a estrada que vae ter á bocca do monstro é tão plana, e tão lisa, e tão clara, que ninguem sente a fadiga do caminhar.

De dia está sempre banhada de uma luz muito suave, porque, em cima, os ramos das arvores se unem para que o sol não queime o rosto de quem passa. A' noite, separam-se os ramos para que o luar, que alli se não esconde nunca, aclare sempre o caminho.

As margens são todas cobertas de roseiras. Nos galhos ha tantos ninhos como fructos maduros, e tantos fructos como folhas, e tantas folhas como grãos de areia no chão. De um lado e de outro brilham claras manchas de lagos, rutilando ao sol e ao luar. E ha tamanha porção de rosas que se não vêem os espinhos das roseiras. E os passaros que cantam nos ninhos são tantos que se não escuta o silvo das cobras. E as flores cobrem de tal sorte os lagos que se não póde enxergar a lama do fundo dos lagos.

Alguns dos que tomam por essa estrada e que vêem o monstro escondido atraz do rico manto da princeza encantada, voltam correndo a fugir.

Quando vêem outros seguir pela mesma estrada por onde elles voltaram a correr, muitos os avisam do perigo que os espera. Mas debalde. Cheiram tanto as rosas, cantam tanto os passaros, brilham tanto os lagos, que os que a seguem pela primeira vez desprezam o conselho, supponho, talvez que é a Inveja que o dá.

Porque tamanhos são os encantos que a estrada offerece, que fazem esquecer o perigo, no desejo de os gosar.

E, no emtanto, o caminho ingreme e endurecido de pedregulhos asperos é o que, passando longe do monstro, conduz ao palacio da Felicidade, feito de oiro e de crystal, como a harpa mentirosa da princeza encantada.

Como, porém, vive fechada a porta do palacio, é preciso que cada um que vae lá morar a abra a golpe de alavancas. Para isso é que, antes do palacio da Felicidade fica a forja do Trabalho, num casebre acaçapado e humilde.

Dia e noite batem alli os martellos sobre a incandescencia de ferros rubros. Se o obreiro cança antes de apromptar a alavanca e não se sente forte para continuar a forjal-a, sáe da tenda, busca novas forças, e não volta muita vez.

Se tem força bastante para a fazer, e fica forjando,—vê, quando o martello cahe pela ultima vez sobre a bigorna, que a alavanca mudou de feitio, que se transformou num pão ou num sonho.

Leva, então, o pão á bocca ou o sonho á alma, e quando chega em frente ao palacio da Felicidade, abrem-se-lhe as portas altas, rolando sobre os gonzos de azeite. E, ao entrar, ouve logo o hymno, que não se cala nunca, cantado pela bocca alegre dos venturosos, ao som de mil harpas que são tambem de crystal e de oiro, mas que não mentem como a harpa da princeza encantada.

Mas, para forjar a alavanca com que se abre a porta do palacio azul da Felicidade, é preciso, antes de ir á forja do Trabalho, tornar-se aguerrido, ir aprender o manejo das armas na fortaleza dos legionarios do Bem.

Poucos são elles, e valem por milhares.

Atravez dos annos, dos seculos, mudaram, muita vez de physionomia e de nome, mas são sempre os mesmos.

Ainda hoje, quando mudam de terra, mudam, ás vezes, de nomes e de physionomia, mas continuam a ser os mesmos.

Nunca foram vencidos numa peleja, onde nunca derramaram uma gotta de sangue.

Atiraram-nos na fogueira, e elles deitaram os carceres por terra.

Atiraram-nos na fogueira, e elles apagaram as labaredas crepitantes.

São elles que trazem sobre os hombros toda a Verdade e todo o Bem. Porque, quando os obrigam a dizer a Mentira e o Mal, são elles proprios quem, para adeante, despem a escopeta de bandido que lhes vestiram e tomam de novo o seu elmo de guerreiros e a sua tunica de apostolos.

São elles que ligam o Passado ao Presente.

Quando alguem chora e lhes conta a sua dôr, elles lhe repetem os ais. E quando alguem se alegra e lhes conta a sua ventura, repetem o riso.

Nunca a Sciencia se apagará, porque elles vêlam para que ella se não apague, e lhe guardam as conquistas.

E são todos eguaes. Sómente um é maior quando commanda o pelotão que monta guarda a uma Idéa.

Quando outra Idéa surge e não lhe compete mais o commando, volta ao seu logar na fileira, disciplinado e fiel.

Foram elles que recolheram todas as lagrimas choradas por todas as Dôres, e que repetem todos os hymnos, cantados por todas as Victorias.

Ficae, pois, sabendo que só chega á Felicidade quem persistiu no Trabalho e que, para o trabalho, é preciso passar pelo forte desses legionarios. E esse caminho é o nuico que não conduz á bocca do monstro que se occulta por traz da princeza encantada das vestes ricas e da harpa da voz mentirosa.

— E onde está esse monstro?— indagou uma pequenita de seis annos e de lindos e arregalados olhos azues.

— Em toda parte, respondeu o mestre.

— E quando nasceu?

— Com o primeiro homem. A principio, tinha feitio. Depois, quando o primeiro odio se gerou no coração do primeiro homem, luziu-lhe a primeira raiva no olhar. Quando o primeiro homem mentiu pela primeira vez, elle baixou pela primeira vez os olhos com hypocrisia. Quando o homem commetteu o primeiro furto, cresceram-lhe as garras de abutre. Quando o homem sentiu o primeiro tédio pelo trabalho, avolumou-se-lhe o corpo como os dos porcos preguiçosos. Quando houve a primeira gula, triturou a primeira victima. Quando appareceu a primeira perfidia, tomou-lhe a cauda a fórma da serpente que vomitou fogo com a primeira intriga e bolsou peçonha com a primeira calumnia. Foi uma sequencia natural: amôr ao goso, odio ao trabalho, apezo á infamia.

— Como se chama elle, o monstro?

— E' o Mal.

E quem é a princeza da harpa de oiro?

— E' o Engano, que o Vicio põe ao fim da estrada. A outra, o caminho pedregoso que, ao contrario da estrada do mal, é cheio de difficuldades e offerece, depois a Ventura:—é a que devéis todos seguir.

O palacio da Felicidade, cada um de nós o tem dentro de si mesmo, para que a alma o habite, quando se merece morar nelle. A forja do Trabalho é a vida, como vivem todos os honestos.

E o forte dos legionarios do Bem, ficae sabendo, é a Escola, onde nos tornamos fortes para o Trabalho que nos abre as portas do palacio da Felicidade. Vêde agora se sabeis quem são esses legionarios que deveis amar sempre...

— Eu sei! Estão aqui! — gritou um pequerrucho, com uma grande alegria na voz e uma grande [illegible] de victoria nos olhos, [illegible] aberto sobre a cabecita, [illegible] onde as lettras se [illegible] leira cerrada sobre o [illegible] da folha, firmes, [illegible] chando galhardamente [illegible] turo, na certeza da [illegible] Conquista.

Barbosa.

Os Novos na Pintura

MIGUEL CAPLLONCH

Entre os nossos novos [illegible] pintores, vai tendo um [illegible] que a figura nervosa, [illegible] e pela côr, bem brasileira, [illegible] pintor Miguel Capllonch.

Vem de viajar na Europa. [illegible] nha, Italia foram os seus paes pontos de estudo. [illegible] nha foi discipulo de [illegible] tron. Frequentou [illegible] Bellas-Artes de [illegible] de Barcelona. Na Italia [illegible] como na Hespanha, [illegible] os seus estudos. Cursou [illegible] Artistico de Roma e foi [illegible] Academia Internacional [illegible] rença.

Miguel Capllonch tem [illegible] Em 1906 expoz no Athen[illegible] lonez; em 1907, no Circulo [illegible] lão dos Artistas Independ[illegible] em 1908, fez uma exposição de [illegible] obras no Circulo de Bellas Artes [illegible] Mallocca.

Na Italia não foi menos [illegible] ctivo. Na esplendida [illegible] Miguel Capllonch teve [illegible] dade de apresentar-se ao grande publico mais de uma vez. Em [illegible] Exposição Internacional [illegible] em Roma, tendo obtido uma [illegible] lha de ouro de 3ª classe. [illegible] tambem na Exposição Internacional de Roma.

Laureado na Europa [illegible] um triumpho, quiz mostrar aos patricios o grão de seu adiantamento e de seu progresso. Assim, [illegible] que mandou varios trabalhos [illegible] a Exposição Nacional de [illegible] lhe foi conferida uma medalha de bronze. Em 1910, voltou [illegible] Brasil. Foi no salão de setembro dessa anno, onde figurou com o [illegible] sugestivo e emocionante triptico "os tres beijos".

Na Exposição de Turim, Brasil aproveitou os seus meritos [illegible] do-o trabalhar para a nossa [illegible] lhão. São suas, de collaboração com o pintor paulista Monteiro [illegible] as duas cupolas do pavilhão [illegible] leiro naquelle certamen.

Não é só. São tambem de seu [illegible] amestrado pincel, as decorações do Cinematographo Brasil, em Turim, trabalhos estes que foram [illegible] apreciados, não só [illegible] mas, especialmente [illegible] tistico, á vista das [illegible] cellentes nelles [illegible] joven pintor patricio. A [illegible] liana recebeu essas decorações [illegible] abundancia de elogios, [illegible] rem reveladoras de um temperamento finamente decorativo.

Esse é o trabalho [illegible] por Miguel Capllonch [illegible] contra neste momento [illegible] volta á sua patria [illegible] annos de viagem [illegible] paizes europeus.

Agora, aqui, vai [illegible] Vai dizer aos competentes [illegible] amadores o que fez e [illegible] de fazer.

Miguel Capllonch vai [illegible] para a nosso salão de setembro [illegible] ximo o seu triptico [illegible] trabalho de folego. E [illegible] vemente com alguns [illegible] dros na Exposição [illegible] ventas.

Joven, habil e [illegible] no Brasil muito tem [illegible] applicado artista que é [illegible] ollonch.

A Jarra Brasil

Ceramica de Caldas da Rainha da autoria de Bordallo Pinheiro Filho, que vem brevemente ao Brasil fazer uma grande exposição de ceramicas.
A JARRA BRASIL será o CLOU da exposição.

FACE DA FRENTE

UM PERFIL

FACE DE TRAZ

O Canto dos Poetas

Soneto

De uma estrella a outra estrella é menor a distancia
Que da minh'alma triste á tua alma risonha...
Ah! quem nos dera ter neste mundo a mesma ancia,
O mesmo ancelo de quem soffre e de quem sonha!

São duas flôres, mas sem a mesma fragrancia:
A tua alma sem luz, sem pôr-do-sol; tristonha,
Segue a minh'alma, ao luar, a transitoria estancia.
E's uma cotovia, eu sou uma cegonha.

Um genio celestial na aza panda te leva,
Sob o carinho azul do aurifulgente pallio,
E depõe-te no chão, logo que desce a treva

E' então que subo ao céu, e entre canções morosas,
Bebo todo o langôr do ribeiro castalio,
Para encher-me de luto e coroar-te de rosas...

Alphonsus de Guimaraens

OS FOLHETINS DA "GAZETA" 118

O Conde de Monte Christo

ROMANCE DE

ALEXANDRE DUMAS (Pae)

XLV

CREDITO ILLIMITADO

— Ah! sim; ouvi; fallar de certa aventura com uns salteadores numas ruinas, de que escapou milagrosamente o Sr. de Morcef. Elle contou isso á minha mulher e filha, quando voltou da Italia.

Naquelle momento entrou de novo o criado, e disse:

— A Sra. baroneza espera pelos senhores.

Os dous interlocutores caminharam para onde os esperava a Sra. Danglars.

XLVI

OS CAVALLOS RUSSOS

O barão, seguido pelo conde, atravessou uma serie de casas, notaveis pera sua tosca sumptuosidade e faustoso mau gosto, chegou ao quarto particular da senhora, que era octogono, com armação de setim côr de rosa e de cassa da India; as cadeiras eram de velha madeira dourada, com almofadas de antigos tecidos; por cima das portas viam-se algumas pinturas pastoris no genero de Boucher; finalmente, dous grandes medalhões, em harmonia com o resto da mobilia, faziam deste pequeno quarto o unico do edificio que tinha algum caracter, por ter elle escapado ao plano geral ajustado entre o Sr. Danglars e o seu architecto, e porque a propria baroneza e Luciano Debray se haviam encarregado da sua decoração. Por este motivo o Sr. Danglars, grande admirador de antiguidades, á moda do Directorio, desprezava aquelle garrido gabinete, onde aliás não tinha entrada senão sob condição de levar alguem comsigo; e neste caso nunca era Danglars quem apresentava, era pelo contrario, elle o apresentado; e, por consequencia, a sua presença ora agradava, ora desagradava á baroneza, conforme a physionomia das visitas que levava.

A Sra. Danglars, cuja formosura podia ainda ser citada, apesar dos seus trinta e seis annos, estava assentada ao piano, e Luciano folheava um album que estava sobre a mesa da costura.

Debray tinha já contado á baroneza muitas coisas a respeito do conde, e a curiosidade desta senhora, excitada pelas noções dadas por Morcef, estava no seu auge. Deste modo, aquelle arranjo de piano e de album era um daquelles estratagemas com que se disfarçam fortes preoccupações. A baroneza recebeu, portanto, o Sr. Danglars com um sorriso que lhe não era muito habitual. O conde, porém, teve em troca de sua cortezia, uma ceremoniosa e engraçada mesura.

Luciano cumprimentou Monte-Christo como pessoa já conhecida, e o barão com um gesto de amizade.

— Senhora baroneza, disse o banqueiro, permitti que vos apresente o Sr. conde de Monte-Christo, que me foi recommendado pelos meus correspondentes de Roma com as maiores instancias. Só uma palavra direi a seu respeito, e esta vae tornal-o immediatamente o mimo mais interessante de todas as nossas belezas: a senhor conde vem a Paris, com tenção de se demorar um anno, e dispender nesse periodo seis milhões!... o que promette uma série de bailes de jantares, e de saraus, nos quaes de certo se não esquecerá de nós, assim como nós nos lembraremos delle nas nossas pequenas funcções.

Comquanto esta apresentação fosse grosseiramente lisongeira, é tão raro ir um homem a Paris para gastar num anno a fortuna dum principe, que a Sra. Danglars lançou ao conde uma vista de olhos, que não deixava de mostrar certo interesse.

— Quando chegastes, senhor? perguntou ella.

— Hontem de manhã, minha senhora.

— E vindes, segundo o vosso costume, do fim do mundo, como me disseram.

— Desta vez, senhora venho simplesmente de Cadiz.

— Oh! vindes em má estação: Paris no verão, é detestavel; não ha bailes, nem festas. A opera italiana está em Londres, a franceza está em toda a parte, menos em Paris; e pelo que respeita ao theatro francez, bem sabeis que não existe em parte alguma. A unica distracção que nos resta, são corridas no campo de Marte e em Satory. Estrareis nas corridas, senhor conde?

— Eu, minha senhora, disse Monte-Christo, hei de fazer tudo quanto se faz em Paris, se tiver a fortuna de achar quem instrua a respeito dos usos francezes.

— Sois amador de cavallos, senhor conde?

— Tenho vivido muito tempo no Oriente, e os orientaes, como é notorio, só estimam duas cousas no mundo, que vem a ser a nobreza dos cavallos, e a formosura das mulheres.

— Ah! senhor conde! disse a baroneza, deverieis ter a delicadeza de pôr as mulheres em primeiro logar.

— Ahi está a razão, senhora, porque desejo um perceptor que me instrua nos habitos francezes.

Naquelle momento entrou a camareira da Sra. Danglars, e lhe disse um segredo. A baroneza fez-se pallida e disse:

— E' impossivel.

— Comtudo, é a exacta verdade, respondeu a criada.

A Sra. Danglars voltou-se para seu marido, e lhe perguntou:

— Será verdade o que me dizem, senhor?

— O que?

— Que, indo o meu cocheiro pôr a carruagem, não achou os meus cavallos na cavallariça; que significa isto?

— Ouvi-me senhora, disse Danglars.

— Tenho curiosidade de saber o que me ides dizer, e hei de fazer estes senhores, juizes da nossa contenda... Sabei, meus senhores, que o Sr. Danglars tem dez cavallos, dous dos quaes são exclusivamente meus, os mais bellos cavallos de Paris; bem os conheceis, Sr. Debray, os meus russos. Pois bem, no momento em que a Sra. de Villefort me pede a minha carruagem, não se acham os meus cavallos, porque naturalmente o Sr. Danglars achou occasião de ganhar nelles alguns milhares de francos. Oh! meu Deus! quanto é vil esta raça de especuladores!

— Senhora, respondeu Danglars, os cavallos eram muito fogosos e muito novos, davam-me sempre cuidado.

(Continua.)

Mme. Varvara Bifteck-Paff 6

POR

THEOTONIO FILHO

II

Entreabriu a bocca, por onde appareceram os dentes alvissimos. Em plena mocidade, ella trahia na pelle a macieza d'alma e trahia no corpo a delicadeza do espirito. A sua brancura tornava-se transparente em certas partes da physionomia, dando a illusão duma seda sobre um pedaço de marmore. Tinha, nas mãos, gestos pudicos, meditados. Rindo, mostrando um pouco os dentes, mostrava um pouco as gengivas. E, pausadamente, como se quizesse embalar o sonho do outro:

— Minha vida... é mui desinteressante e mui triste... A mamã acorda e tomamos café... Depois vou ao piano...

Mariazeta parou. A expressão tornava-se-lhe difficil. Sentia verdadeiramente como incontavel essa existencia simplicissima, naturalissima.

— Depois de estudar o piano, vou á sala de refeições... A mamã está com os jornaes na mão e diz-me que os leia alto.

Novamente parou. Indagou ao companheiro se não o fatigava com esta singeleza de narração. E, como o visse attento, risonho, continuou:

— Depois... Ah! leio os jornaes para mamã ouvir... A mamã diz: — Vae preparar-te, filhinha... — E eu vou ao meu quarto... Depois... volto e almoço... depois... estudo ainda o piano... depois... meu Deus... depois!... nada faço... sim, ás vezes compro na rua Nova (Armazem d'Emilia Brack)... depois... volto para casa, fico no jardim, á espera da hora de jantar... depois...

Tanta simplicidade divertia Flavio. Um subito desejo de caricia fez-lhe pensar e dizer:

— Depois... dar-me-has um beijo?...

Mas conteve-se, respeitoso, numa especie de pudor gamenho. Reparava na innocencia da outra, nessa narrativa banal e frivola, impacientando-se. Queria fazêr-lhe novas perguntas sobre o Recife a sociedade que elle desconhecia por nunca ter penetrado na sua intimidade. E tambem queria saber como portar-se num meio provinciano, historicamente atrazado. Emtanto, desse meio provinciano, guardava a gratidão dum segredo medonho...

Acabando o horario dos seus dias com um "depois deito-me e durmo", Mariazeta exigiu-lhe á quelma roupa as lendas das suas viagens.

— Como? Das minhas viagens? — retorquiu Flavio, procurando evitar mentiras — Fatigar-te-hei, porque...

— Não, não... Quero... Conta-me.. Em Paris, a vida é cara?...

— Com oitocentos francos mensaes, um casal vive modestamente...

Ella admirou-se, desejando immediatamente ir a Paris. Com oitocentos francos, ella e a mamã... E divagou sobre os seus constantes sonhos com a Europa e a travessia maritima. Naturalmente engordariam a bordo... Em Paris iriam aos theatros e... onde?... Pedia informações...

— A toda a parte... A liberdade em Paris é como aqui o acanhamento... Se no Brasil a mulher se contenta com visitar duas vezes por anno os cemiterios e quatro vezes por semana a egreja... Oh! perdão.. eu ia ser grosseiro...

— ...Visitas as egrejas duas vezes por semana...

— Bem... se a mulher no Brasil se contenta em ir duas vezes por semana ás egrejas, em Paris contenta-se em ir nove vezes por semana aos theatros... Emquanto no Brasil a mulher vae ao cemiterio, em Paris ella vae ao Museu...

— Céus! Que gente douda!

Então, risonha, pediu-lhe para não mais falar de Paris. Contasse-lhe impressões d'outras cidades.

— Em Roma — continuou Flavio — ha uma curiosidade interessante: numa casa de dous quartos residem cinco familias... E em Lisboa o povo é desinteressante e a sociedade tambem é desinteressante, porque tanto o povo como a sociedade é desinteressante, porque tanto o povo como a sociedade procuram imitar aquillo que é de Paris e aquillo que é do Brasil.

— Basta! Basta, impossivel pessimista.

Por um encantador crepusculo nortista, o calor desappareceria, cedendo á frescura que vinha inundar a cid